



Duas influências etnobiológicas para uma estudante de graduação do começo da década de 1990

Natalia HANAZAKI

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Ecologia e Zoologia, ECOHE – Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: natalia.hanazaki@ufsc.br

Submitted: 11/01/2018; Accepted: 31/03/2018

INTRODUÇÃO

A convite dos editores da Ethnoscientia, para o número especial da revista sobre a Etnobiologia no Brasil, fui incumbida de redigir uma breve entrevista com a Dra. Maria Christina de Mello Amorozo, por ter sido sua aluna durante a graduação. Ao aceitar o convite, incluí também uma entrevista com a Dra. Alpina Begossi, que foi também influência fundamental na minha formação, não apenas por ter sido minha orientadora no mestrado e no doutorado, mas principalmente por sua expressiva contribuição no cenário internacional e nacional no âmbito da Ecologia Humana e da Etnobiologia. Apesar de serem duas pesquisadoras que atuam em linhas diferentes, não posso falar sobre uma sem falar sobre a outra quando analiso as influências para a Ecologia Humana e para a Etnobiologia, especialmente para quem, como eu, foi aluno(a) de graduação no estado de São Paulo na década de 1990. Além de sua influência como professoras e pesquisadoras, tanto através de suas aulas, conversas, debates e artigos publicados, elas me apresentaram à outras bibliografias e a outros autores dessa área de estudo que na década de 1990 começava a ganhar mais adeptos no Brasil. Amorozo orientou ou co-orientou 27 trabalhos de conclusão de curso, 12 dissertações de mestrado e 5 teses de doutorado. Embora tenha dado foco mais recente à agricultura de pequena escala de raízes e tubérculos, destaco, entre os seus 24 artigos publicados, três que exploram a temática das plantas medicinais: Amorozo e Gély (1988), sobre uso de plantas medicinais em Barcarena, no Pará, Amorozo (2002) sobre uso de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, no Mato Grosso, e Amorozo (2004) sobre práticas medicinais pluralísticas que combinam o uso de plantas e remédios industrializados. Begossi tem concluídas várias orientações ou co-orientações de trabalhos de conclusão de curso, 21 dissertações de mestrado, 10 teses de doutorado, 6 supervisões de pós-doutorado. Sua produção acadêmica é extensa, com 120 artigos publicados, que refletem a projeção das suas contribuições no cenário internacional da ciência. Embora sua principal área de atuação seja relacionada aos recursos pesqueiros e pescadores artesanais, destaco a sua importância no cenário nacional e internacional da área, especialmente através de algumas de suas contribuições (escolhidas aqui a somente a título de exemplo): em um artigo que ainda hoje é usado em muitos cursos de graduação e pós-graduação na área de Ecologia Humana e etnobiologia, e em áreas correlatas, Begossi (1993) faz um apanhado teórico das várias linhas da Ecologia Humana. Temas de interesse central para a etnobiologia também são foco de seus estudos, como por exemplo a etnotaxonomia, assunto de Begossi et al. (2008). As conexões com aspectos teóricos e metodológicos da Ecologia ficam bastante evidentes, por exemplo, em Begossi (1996), um estudo pioneiro que discute o uso de análises ecológicas de estimativas de diversidade em etnobotânica, e em Begossi et al. (2004), que congrega a análise de cadeias alimentares para compreender tabus alimentares relacionados ao consumo de pescado.

A meu ver, a contribuição dessas duas pesquisadoras e professoras para a Etnobiologia e para a Ecologia Humana no Brasil vai além da quantidade de alunos orientados ou de artigos publicados. Begossi relata de modo autobiográfico seus caminhos na etnobiologia e na etnoecologia em um artigo recentemente publicado (Begossi 2014), e recomendo a todos a sua leitura. Para que o leitor da Ethnoscientia possa conhecer um pouco mais sobre a área no Brasil, Amorozo e Begossi gentilmente responderam a algumas questões apresentadas nas breves entrevistas a seguir.

INTRODUCTION

At the invitation of the editors of *Ethnoscintia*, for the special issue of the journal about Ethnobiology in Brazil, I was in charge of writing a brief interview with Dr. Maria Christina de Mello Amorozo, because I was her student during graduation. In accepting the invitation, I also included an interview with Dr. Alpina Begossi, who was also a fundamental influence for me, not only for having been my advisor in the master's and doctorate, but mainly for her expressive contribution on the international and national scenarios in the field of Human Ecology and Ethnobiology. Although they are two researchers who work on different lines, when I analyze my influences for Human Ecology and Ethnobiology, especially as an undergrad student in the 1990s, I can not speak about one without talking about the other. In addition to their influence as professors and researchers, both through their classes, conversations, debates, and published articles, they presented me to other bibliographies and other authors of this area of study that in the 1990s began to gain more followers in Brazil. Amorozo advised or co-advised 27 graduate course papers, 12 master's dissertations and 5 doctoral theses. She has given more recent focus to small-scale agriculture of roots and tubers, yet among her 24 published articles there are three that explore the theme of medicinal plants that I believe are more expressive: Amorozo and Gély (1988), on the use of medicinal plants in Barcarena, Pará, Amorozo (2002) on the use of medicinal plants in Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso, and Amorozo (2004) on medicinal practices that combine the mixed use of plants and medicines. Begossi has advised or co-advised 21 master's dissertations, 10 doctoral theses, and 6 postdoctoral supervisions. Her academic production is extensive and expressive, with 120 published articles, which reflect the projection of its contributions in the international scenario of science. Although her main focus of investigation is related to the fishery resources and artisanal fishers, I emphasize her importance in the national and international scenario of the area, especially through some of her contributions (chosen here just as examples): in an article that is used in many undergraduate and postgraduate courses in Human Ecology and Ethnobiology and related areas, Begossi (1993) gives a theoretical and comprehensive overview of the various lines of Human Ecology. Subjects of central interest to ethnobiology are also the focus of her studies, such as ethnotaxonomy, in Begossi et al. (2008). The connections with the theoretical and methodological aspects of Ecology are quite evident, for example, in Begossi (1996), a pioneering study that discusses the use of ecological analyzes of diversity estimates in ethnobotany, and in Begossi et al. (2004), which brings together the analysis of food chains to understand food taboos related to fish consumption.

In my point of view, the contribution of these two researchers to Ethnobiology and Human Ecology in Brazil goes beyond the number of students advised or articles published. Begossi autobiographically recounts her ways in ethnobiology and ethnoecology in a recently published article (Begossi 2014), and I recommend everyone to read it. Amorozo and Begossi kindly answered some questions I sent them, and some of their ideas about Human Ecology and Ethnobiology in Brazil are shared in the short interviews that follows.

A ENTREVISTA COM M.C.M. AMOROZO

Breve biografia da entrevistada: Maria Christina de Mello Amorozo possui graduação em Ciências Biológicas - licenciatura e bacharelado pela Universidade de São Paulo (1974), mestrado em Biologia (Ecologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1980) e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1996). Foi professora Adjunta da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Rio Claro, trabalhando na área de Etnobotânica e Ecologia Humana, até sua aposentadoria em agosto de 2014. Suas áreas de interesse são: sistemas agrícolas de pequena escala, manutenção in situ on farm de variedades de raízes e tubérculos, impactos das transformações socioeconômicas.

Entrevistadora: Como você vê a articulação da etnobiologia e da ecologia humana no Brasil?

M.C.M. Amorozo: Até pouco mais de duas décadas atrás, a etnobiologia e outras áreas da ecologia humana vinham se desenvolvendo de forma mais ou menos isolada no Brasil, com exceção de alguns trabalhos pontuais. No caso da etnobotânica, os cursos/disciplinas de pós-graduação eram (e ainda são) em geral ligados às áreas de botânica ou agronomia, que não contemplam o ensino de teorias e métodos de ecologia humana (às vezes nem da ecologia biológica). Hoje em dia, vejo que está acontecendo uma maior articulação entre esses campos, creio que, em parte, por influência das transformações nos modos de vida das populações tradicionais. A penetração da sociedade urbano-

industrial colocou novos problemas de pesquisa e tornou a realidade das comunidades locais muito mais complexa. Trabalhos que tratam, por exemplo, de manejo sustentável de recursos de base comum, têm dado atenção ao conhecimento local e utilizado ferramentas da etnoecologia, enquanto os etnobiólogos têm respondido a essa complexidade crescente no sentido de utilizar ferramentas e conceitos da ecologia humana.

Entrevistadora: Como você vê a ecologia humana e a etnobiologia brasileira hoje?

M.C.M. Amorozo: Tanto a ecologia humana quanto a etnobiologia cresceram e amadureceram desde que comecei a atuar na área. Trinta anos atrás, os estudos em etnobotânica, por exemplo, eram basicamente listas de plantas e seus usos. De lá para cá, evoluímos bastante, dando mais atenção ao contexto em que vivem os grupos humanos estudados, formulando hipóteses e testando teorias, etc.

Entrevistadora: Como você vê a sua contribuição para a ecologia humana e para a etnobiologia brasileira? E como você vê a sua contribuição na formação de etnobiólogos e de profissionais que atuam na área de ecologia humana?

M.C.M. Amorozo: Respondo a essas duas perguntas conjuntamente, porque acho que estão ligadas. Fiz o mestrado em ecologia humana, abordando a dieta de migrantes rurais na periferia de Manaus, no final da década de 1970. Nesse trabalho, constatei a importância que as fruteiras nativas, como os buritizeiros, tucumãzeiros e outras frutas amazônicas, que ainda existiam em abundância na periferia, e também os produtos dos quintais, tinham para a complementação da dieta. A partir daí, veio o meu interesse por etnobotânica, campo ao qual me dediquei com mais afinco. Por trinta anos, ministrei a disciplina Ecologia Humana para os alunos do curso de Graduação em Ecologia, UNESP, campus de Rio Claro, SP. E orientei alunos de vários níveis na área de Etnobotânica. De 1998 até 2016, o Prof. Lin Chau Ming e eu ministramos a disciplina Etnobotânica, na pós-graduação da FCA, UNESP, campus de Botucatu, SP e de 2000 a 2014, na pós-graduação da Biologia Vegetal, UNESP, Campus de Rio Claro, no início em parceria com o Lin, depois sozinha. Uma contribuição que também acho importante foi a organização do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste, em 2001, e a publicação dos Anais, em 2002, que tratam de métodos na disciplina; na época, ainda não havia muita bibliografia a respeito aqui no Brasil. Na pesquisa, contribuí principalmente nos temas de etnobotânica de plantas medicinais, agricultura de pequena escala e etnobotânica de mandioca.

Entrevistadora: A Etnobiologia e a Ecologia Humana têm futuro no Brasil? Como você vislumbra o desenvolvimento dessas áreas de atuação daqui para frente?

M.C.M. Amorozo: Eu acho que há um grande campo de atuação para ambas no nosso país, e vejo que estão se desenvolvendo de forma positiva. Há pesquisadores de alto nível espalhados pelo Brasil e que estão fazendo escola. Outro desdobramento atual que é muito positivo, é o envolvimento e a participação das comunidades locais nas pesquisas. Mas na minha opinião, ainda há espaço para incrementar a articulação da etnobiologia com outras áreas da ecologia humana. Uma forma de reforçar essa articulação seria incluir disciplinas de ecologia humana nos cursos de pós-graduação em etnobiologia e vice-versa e também realizar mais reuniões científicas conjuntas.

A ENTREVISTA COM ALPINIA BEGOSSI

Breve biografia da entrevistada: Alpina Begossi é graduada em Biologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980), tem aperfeiçoamento em Antropologia na Universidade California Berkeley (1984), mestrado em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (1984) e doutorado em Ecologia pela Universidade da Califórnia Davis (1989). Realizou pesquisas de pós-doutorado com R. E. Schultes e com P. May, foi Diretora Executiva do Fisheries and Food Institute de 2006 a 2014 e Presidente da Society for Human Ecology de 2006 a 2007. Atua na área de Ecologia, com ênfase em Ecologia humana, Pesca e Ecologia de Pescadores. O livro *Current Trends in Human Ecology* (Lopes e Begossi, Eds, Cambridge Scholars Publishing) foi premiado em 2011 com o Book Award "Gerald Young" (SHE, Society for Human Ecology). Atualmente, é pesquisadora no CAPESCA/NEPA/UNICAMP e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D, além de colaborar internacionalmente e nacionalmente com vários grupos de pesquisa.

Entrevistadora: Como você vê a articulação da etnobiologia e da ecologia humana no Brasil?

A. Begossi: Considero boa a articulação de alguns etnobiólogos e ecólogos humanos das Universidades: UFRGS, UFSC, UFRN, UFPA. Na realidade há diversos grupos de etnobiólogos no país. Acabo sendo familiar com aqueles as quais colaboro, que são também da área de ecologia humana.

Entrevistadora: Como você vê a ecologia humana e a etnobiologia brasileira hoje?

A. Begossi: Quando comecei, na década de 1980, essas áreas eram muito incipientes no Brasil. A ecologia humana no Brasil estava associada à área de saúde e haviam iniciativas internacionais (Darrell Posey, por exemplo) e nacionais (José Geraldo Marques) para a etnobiologia. Em particular, J. G. Marques foi também um grande precursor na área no Brasil.

Entrevistadora: Como você vê a sua contribuição para a ecologia humana e para a etnobiologia brasileira? E como você vê a sua contribuição na formação de etnobiólogos e de profissionais que atuam na área de ecologia humana?

A. Begossi: Formei excelentes pesquisadores nessas duas áreas, em mestrado e doutorado. Não tenho dúvida que formei ecólogos humanos e etnobiólogos sólidos e que fazem excelente ciência. Esses podem ser encontrados nas universidades que citei acima. Esses também fazem pesquisa onde ecologia humana e etnobiologia estão associadas.

Entrevistadora: A Etnobiologia e a Ecologia Humana têm futuro no Brasil? Como você vislumbra o desenvolvimento dessas áreas de atuação daqui para frente?

A. Begossi: Considero que sim, especialmente através desses grupos competentes. Cito as duas grandes vertentes: uma mais associada a ecologia humana (ver Fisheries and Food Institute, www.fisheriesandfood.com) e outra mais específica direcionada a etnobiologia (tendo como precursor J. G. Marques). Ambas muito relacionadas. Há entretanto diversos grupos novos que não conheço tanto pois acabo conhecendo esses grupos via suas publicações.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M. C. M. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, Philadelphia, v. 24, n.1, p. 139-161, 2004.
- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT. *Acta Botanica Brasilica*, Brasília, v. 16, n.2, p. 189-203, 2002.
- AMOROZO, M. C. M.; Gély, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Botânica*, Belém, v. 4, n.1, p. 47-131, 1988.
- BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciencia* (Caracas), v. 18, n.3, p. 121-132, 1993.
- BEGOSSI, A. The river and the sea: fieldwork in human ecology and ethnobiology. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 10, p. 70, 2014.
- BEGOSSI, A. Use of ecological methods in Ethnobotany. *Economic Botany*, v. 50, n.3, p. 280-289, 1996.
- BEGOSSI, A.; CLAUZET, M; GUARANO, L; MACCORD, P.; RAMIRES, M.; FIGUEIREDO, J. L.; SILVA, A.L.; SILVANO, R.A.M. Are biological species and high-ranking categories real ? A comparison of fish folk taxonomy in the Atlantic Forest and in the Amazon. *Current Anthropology*, v. 49, p. 291-306, 2008.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; RAMOS, R. Food chain and the reasons for food taboos in the Amazon and in the Atlantic Forest coast. *Ecological Applications*, v. 14, n.5, p. 1334-1343, 2004.